

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

ESTUDANDO IMAGENS PARA AULAS DE GEOMORFOLOGIA NA PERSPECTIVA
DAS LINGUAGENS CRIADORAS - PRIMEIRO CONTATO DE UMA PESQUISA

Maria Eduarda Casas Campos
Universidade do Estado de Santa Catarina
42511506866@edu.udesc.br

RESUMO

Esse trabalho de estudo tem como objetivo explicitar como diferentes imagens podem ser utilizadas no ensino da Geomorfologia, a partir das diferentes abordagens que uma imagem pode assumir no estudo da disciplina. Diante a isso, têm-se que as imagens podem atingir duas principais noções dentro do estudo da Geomorfologia: de linguagem criativa e criadora. Ao serem utilizadas como linguagem criadora, têm-se a noção de que a imagem vai além da percepção de comunicadora, mas também pode ser uma viabilizadora na produção de novas noções de mundo, enquanto a imagem criativa é tida como comunicadora e como um recurso didático. Quando sobrepostas a lente da experimentação prática, a imagem se aproxima do trabalho em campo na medida em que expõe o aluno ao sentido da visão e instiga-o a buscar por cores, texturas e formatos vistos em paisagens nas saídas de campo da Geomorfologia, e fazer com que relacionem esses elementos visuais ao conteúdo que aprendeu em sala de aula. Dessa forma, ao serem colocadas no âmbito de linguagem criadora, são capazes de extrapolar a visão convencional de imagens representativas, de forma a fazer com que o aluno busque pelo seu conhecimento prévio em Geomorfologia para experimentar imagens que possuem em si a visão geográfica.

Palavras chave: Linguagens; Geomorfologia; imagens; trabalho de campo; estudo.

1. Introdução

1.1. Apresentação do “querer estudar” do tema

Iniciei minha graduação em Geografia, com habilitação em bacharelado no segundo semestre do ano de 2021 e, no primeiro semestre de 2022, ingressei no Programa de Educação Tutorial em Geografia (PET), no qual sou bolsista até hoje. Três atividades ocorreram em conjunto e me motivaram a iniciar essa pesquisa, sendo elas: a necessidade de iniciar alguma pesquisa acadêmica; o interesse pela disciplina de Geomorfologia; e a oficina de Imagem e Som, realização do projeto Transversalidades do PET¹ em parceria com o grupo Atlas.

O PET é um programa que visa atender a tríade acadêmica de pesquisa, ensino e extensão, e, dessa forma, surgiu a necessidade de começar uma pesquisa acadêmica. As pesquisas no PET podem ser tanto em grupo quanto individuais, desde que ocorra parceria com professores parceiros do Programa². A partir daí, entrei em contato com a professora Ana Maria Hoepers Preve para fazer parte do seu projeto de pesquisa denominado “Cartografias intensivas em educação: outros modos de fazer para outras geografias”, e tê-la como orientadora desta pesquisa.

Minha motivação pelo curso de Geografia surgiu a partir de um interesse prévio pela Geografia Física, que despertou meu interesse logo nas primeiras fases, principalmente pelo contato com as disciplinas de Astronomia e Geologia. Essa estima pela Geografia Física cresceu quando, a partir do 4º semestre, tive contato com a Geomorfologia. No meio do semestre tivemos uma saída de campo, que foi essencial para que eu me interessasse mais ainda pela disciplina, e me colocou diante de uma nova visão acerca da disciplina. Com ela pude entrar em contato direto com as paisagens e com tipos de rocha, de forma que pudesse senti-las, fotografá-las e entrar em contato com a natureza. Isso me fez pensar em uma possibilidade de poder trabalhar com a Geomorfologia que não fosse voltada completamente para a forma aplicada da matéria, e sim pensá-la de uma forma alternativa de aprendizagem.

¹ O projeto Transversalidades é um projeto de ensino do PET Geografia UDESC, que consiste em abordar temas transversais à Geografia a partir de eventos culturais realizados no ambiente acadêmico de maneira informal. Essas atividades ocorrem por debates, rodas de conversa, oficinas ou palestras por meio de música, filmes, documentários, arte, entre outros.

² Pesquisas vinculadas ao projeto PET Saberes do PET Geografia UDESC.

Figura 1: fotografia da saída de campo de Geomorfologia 1, ocorrida em 2022.



Fonte: Maria Eduarda Casas Campos, 2023.

A oficina de Imagem e Som foi uma atividade realizada durante a Semana Acadêmica de Geografia no ano de 2022, em que atuei como monitora nos dois dias de oficina, a partir do projeto Transversalidades, projeto de ensino do PET. Durante a oficina foram realizadas atividades que envolviam usar da criatividade, a partir de colagens, desenhos e escritos, para a geração de mapas que extrapolassem a representação de uma área, mas expressassem o sentimento percebido pelo imaginário pessoal sobre aquele local.

A maneira como foi estimulada a busca pela criatividade para pensar um território e suas particularidades instigou-me, como aluna, a utilizar dos meus conhecimentos prévios em geografia para produzir um mapa que pudesse exemplificar as questões sociais e econômicas do Brasil, e dessa forma, me fez refletir como aquela atividade produziu um exercício mental e recorrer a informações que eu já possuía e lembrá-las. Foi assim que, ao participar da oficina operada pelo grupo de pesquisa Atlas, vi que poderia trabalhar com assuntos de Geografia com outras abordagens além do modo convencional.

2. Desenvolvimento

A Geomorfologia é a vertente de geografia física que se propõe ao estudo das diferentes formas de relevo e dos processos que transformam esses ambientes. Para entender os compartimentos de relevo de um determinado local é necessário compreender o tipo de rocha, de solo, os processos de formação que agiram ali por um longo período de tempo. Dessa forma, a Geologia e a Pedologia conversam diretamente com a Geomorfologia. Por fazer parte de uma área essencialmente física e natural, o estudo não pode ser apenas teórico, necessita também da prática, ou seja, é necessário o trabalho de campo de disciplina. Através da experimentação empírica, seja com o contato físico com a rocha ou solo, com a observação das passagens dos compartimentos de relevo, ou até mesmo com análise de imagens que o estudo da Geomorfologia pode ser compreendido em sua total capacidade. Perante esse cenário, tive, na disciplina de Geomorfologia I, a minha primeira saída de campo, com destino a cidade de Lages/SC. Na saída de campo pode-se observar a alteração dos compartimentos de relevo, desde a costa leste do Estado de Santa Catarina, da cidade de

Florianópolis instalada na costa litorânea do Estado, até os relevos de altitude do planalto central, onde se localiza a cidade de Lages.

O objetivo desse trabalho de campo era localizar as estruturas em concordância horizontal, relevos tabulares e explicitar a geomorfologia dos locais de acordo com as estruturas e com os tipos de rochas identificadas. O contato direto com materiais geológicos ocorreu pela escavação feita pela professora que ministrava a disciplina, e com isso, pode-se observar lascas de rocha, e tocá-las, enxergar suas estruturas e alguns de seus minerais.

Houve uma grande troca sensorial já naquele estudo: a audição, a partir do som proveniente do choque da enxada com os materiais, diferentes para cada tipo de rocha; o tato, com a possibilidade de tocar os materiais e senti-los se desfazendo nas mãos, ou a resistência do material de acordo com a impossibilidade de quebrá-los com facilidade; e a visão, com a observação visual das paisagens, dos formatos e cores dos minerais e rochas. Foi a partir disso que percebi que a experimentação auxilia a teoria e a exposição aos elementos da prática, e em conjunto com os sentidos sensoriais, formulam a imagética mental, de modo a fazer sentido para o aluno tudo aquilo que foi exposto em sala de aula.

2.1. A prática do estudo com imagens

A experimentação visual pode ocorrer a partir de outro fenômeno: da imagem. As imagens, quando se retira o estigma de serem vistas apenas como algo estático e imutável, podem auxiliar nesse estudo. A prática do estudo com as imagens pode partir do pressuposto de que a imagem não só representa, como também educa. Portanto, pode-se dizer que as imagens educam³. Além disso, a prática do estudo com as imagens traz também a noção de Ana Paula Nunes Chaves em seu texto “Ensinar geografia é ensinar a ver? Notas de um exercício com imagens em livros didáticos (2020). No texto, a autora analisa imagens de livros didáticos para expor como as imagens podem acrescentar ou invisibilizar significados na formação de imaginários geográficos. Nesse sentido, afirma: “a ideia de que uma imagem bem olhada seria aquela que nos desconcerta, renova nossa linguagem e, por consequência, nosso pensamento” (CHAVES, 2020, p.4), ou seja, busca ir além da percepção de enxergar o que está exposto em primeira mão na imagem, como também instiga o estudante a buscar pelo que está subentendido.

Esse caráter pode surgir de uma análise de imagem de um tipo de forma de relevo, em que se pode explicitar as suas características, analisá-las pelo olhar aprofundado para a imagem e decodificá-las, de maneira a aplicar os conceitos aprendidos para compreender e/ou se aproximar das estruturas e formas desse relevo. Pode-se considerar que a apresentação da imagem como metodologia de estudo da Geomorfologia consiste em: percepção, análise e decodificação, além da necessidade de possuir conceitos teóricos previamente estabelecidos de Geomorfologia.

Quando desligadas da ideia de serem imutáveis e estáticas, é possível ver que já na imagem há movimento. Na tese “Vida de Pedra”, o autor Jean Pierre Pierote Silva⁴ utiliza as imagens não como um complemento do texto, mas como um texto à parte, em que sua leitura é feita pela análise do conteúdo imagético.

Na geografia há uma forma clássica de uso da imagem como ilustradora dos conteúdos e, neste caso, elas servem para representar esquemas dos conteúdos trabalhados

³ Sobre a educação visual dada pelas imagens, os trabalhos de pesquisa da Rede Internacional Imagens, Geografias e Educação tratam de mostrar essa relação entre as imagens e suas educações visuais. Para acessar alguns trabalhos nesse sentido, ver publicações no site da Rede www.geoimagens.net.

⁴ A tese Vida de Pedra de Jean Pierre Pierote Silva, segundo o autor, trata de “uma investigação sobre os modos de relação estabelecidos entre extratores de pedra, pedras e Rio de Contas, cidade histórica e patrimonializada situada ao sul da Chapada Diamantina, na Bahia.” (SILVA, 2019, p. 9).

num texto ou nos livros didáticos. E, um outro caminho, que é o uso das imagens como textos. Ou seja, elas funcionam de forma a dizer algo que o texto não disse. As imagens mostram sempre algo que os textos não deram conta. Há uma relação entre o texto e a imagem. E, cada um apresenta algo da realidade em estudo. Na tese citada o autor faz um uso que se encaixa dentro dessa segunda possibilidade. Nas imagens do Pedreiro Artesão quebrando a pedra, nota-se a presença do movimento pela forma como o autor capta as imagens e estabelece a disposição delas no texto. O autor faz com que seja possível enxergar desde a marcação na pedra e colocação dos pinos até a fragmentação, e concede ao leitor a capacidade de assistir esse processo como se fosse uma produção audiovisual realizada através das imagens.

Figura 2: Série de imagens retratando o trabalho do pedreiro artesão com as rochas na tese “Vida de Pedra”, do autor Jean Pierre Pierote da Silva.



Autor: Jean Pierre Pierote Silva, 2019.

2.3 Metodologia

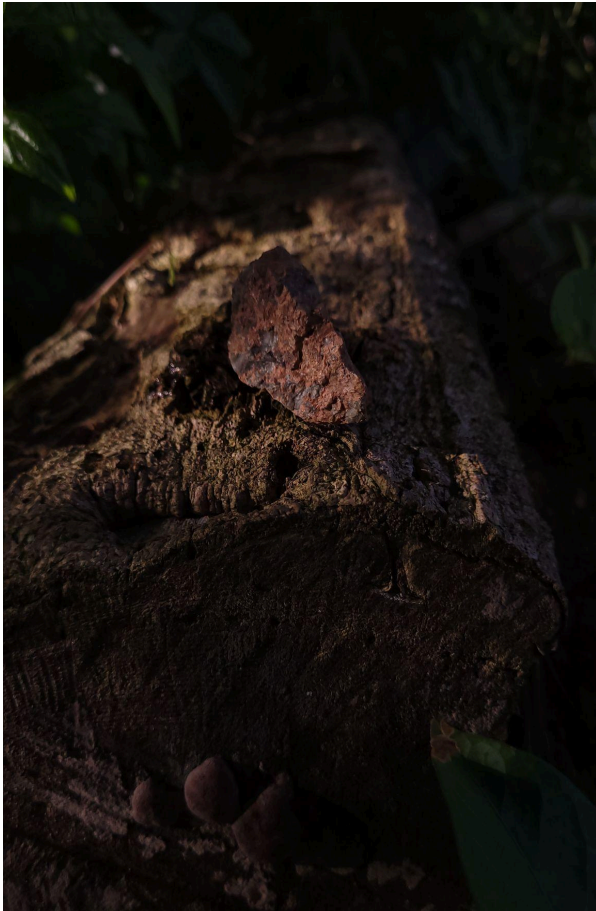
Com essa pesquisa pude refletir sobre encontrar modos de conciliar o ensino da Geomorfologia com a utilização de imagens, que expressem a importância do trabalho de campo para o estudo dessa disciplina, e que a imagem faça um caminho semelhante ao da tese em estudo, que se encaixa com a perspectiva da imagem como possibilitadora de algo novo que o texto não contenha.

Para isso, foi necessário criar um portfólio, a partir da curadoria de imagens que, não apenas representem os processos geomorfológicos ou suas formas, mas que consigam estimular os sentidos sensoriais a partir de uma disposição que, em conjunto, expressam movimento, cor, velocidade, atrito etc. A disposição pode ocorrer da escala maior para a menor, partindo desde a rocha até o compartimento de relevo, para que o estudante seja capaz de assimilar esses dois componentes ao ser exposto a essas imagens.

2.4 Portfólio

Neste portfólio foram utilizadas fotografias da saída de campo mencionada anteriormente, fotografias tiradas por lazer e outras produzidas especialmente para a pesquisa, de forma a qualificar e compor o trabalho. Em todas, é possível observar, como elemento principal, a admiração da natureza. Essas fotografias foram produzidas a partir da observação da paisagem e da necessidade de registrá-la, seja pela beleza natural ou pelo registro por vínculo afetivo com o local ou com o momento, de forma a causar uma euforia no momento de seu registro e, posteriormente, na lembrança e contato com a imagem.







A ideia é que as imagens possam aguçar os sentidos sensoriais do aluno como se estivesse no campo, e que essa composição de movimento o estimule a compreender que a forma que ele observa está associada ao aprendizado em sala de aula. Essa metodologia implica na utilização do conhecimento prévio em Geomorfologia ao entrar em contato com a imagem, pois ao assimilar a imagem da forma de relevo, da cor da rocha, do tipo de atrito causado pelo instrumento com a rocha, ou até mesmo uma série que expressa a textura do material ao que já conhece, o estudante é capaz de fixar o conteúdo com maior facilidade. Ademais, esse trabalho imagético faz com que o estudante observe, através das imagens, detalhes de composição mineralógica, texturas, além de outros detalhes minuciosos que, apenas pela leitura e análise de textos, não seriam devidamente formulados no imaginário do aluno.

2.5 Análise de imagens de livros didáticos e da tese “vida de pedra”

Em seguida, realizou-se seleção de imagens que expressam elementos da Geomorfologia em diferentes abordagens, ou seja, a partir de imagens representativas ou de imagens texto. As imagens representativas são geralmente utilizadas para representar visualmente um texto que as precede, com a intenção de complementar a teoria com um recurso visual, enquanto as imagens texto são aquelas que possuem a mensagem em si, sem a necessidade de um complemento descritivo para ser compreendida. Em um segundo momento, foram selecionadas imagens de livros didáticos e imagens encontradas na tese “Vida de Pedra”, de forma a enquadrar essas figuras nos conceitos de imagem texto e imagem representativa. Para a realização dessa etapa foram selecionados três livros didáticos, em que se buscou imagens que servissem de apoio para textos, buscando representá-los. As imagens da tese foram selecionadas a partir da leitura e da análise da disposição imagética no texto, dessa forma, optou-se principalmente por aquelas que tinham significado próprio e muitas vezes dispostas em séries, para explicitar o contraste entre os dois tipos de imagens.

Figuras 3 e 4: imagens encontradas na tese Vida de Pedra.





Autor: Jean Pierre Pierote Silva, 2019.

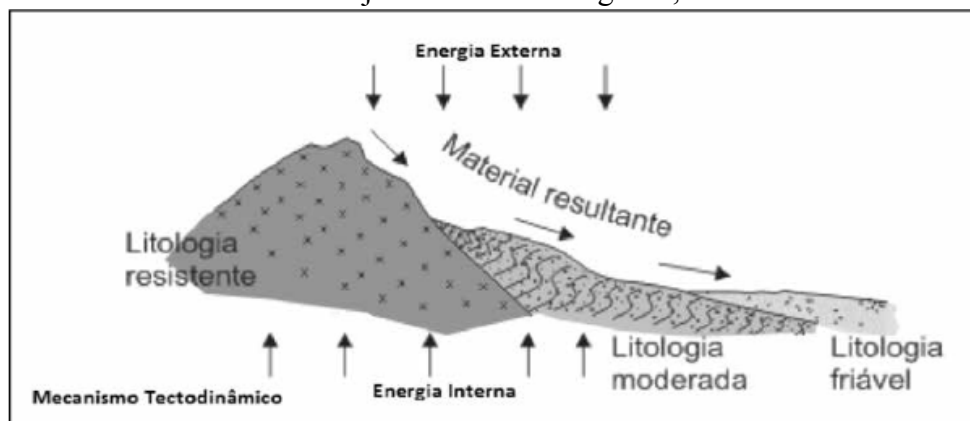
Figuras 5, 6 e 7: imagens encontradas em livros didáticos



Fonte: Geografia em rede, 2016.



Fonte: Projeto Araribá - Geografia, 2007.



Fonte: Geografia - Geomorfologia, eduCAPES - 2019

3. Conclusões

Os autores Girardi e Oliveira Jr. apresentam as diferentes linguagens no ensino de geografia a partir de duas possibilidades de uso: a linguagem como comunicação/ensino (criativa) e a linguagem como expressão/produção (criadora). A partir da aproximação com os conceitos, têm-se que a linguagem criativa aparece como um sentido de comunicação e se aproxima das questões didáticas, e se torna um sinônimo de recurso didático, que preza pela aquisição e democratização de conteúdo e “busca de melhores caminhos didáticos para ensinar os conhecimentos já tidos como verdadeiros e necessários para se alcançar um bom conhecimento geográfico do mundo no qual vivemos” (GIRARDI, OLIVEIRA 2011, p. 3). Já a linguagem criadora utiliza a ideia de que a linguagem não é apenas comunicadora, mas também viabilizadora de novas produções de mundo. Nessa abordagem, a linguagem busca produzir sentidos, e a própria linguagem em si carrega uma conotação educativa, dotada de conhecimento geográfico. Na linguagem criadora “a palavra representação nunca é usada como espelho da realidade, mas sim como um artifício criado numa linguagem para dizer da realidade” (GIRARDI, OLIVEIRA, 2011, p. 4), dessa forma, não aparece como uma forma de refletir o mundo, e sim da linguagem da obra que faz parte.

Na medida em que apresenta um compromisso com a comunicação e com a didática, as imagens nos livros didáticos atuam como linguagem criativa. Por outro lado, as imagens da tese se aplicam no sentido de linguagem criadora por não terem sido utilizadas como sentido didático e apresentarem um conteúdo possibilitador de outras visões de mundo. Elas nos educam de outras maneiras. A partir do contato com outros usos das linguagens, as imagens propiciam aos estudantes maior capacidade de assimilar e construir geografias, pois a exposição e reflexão acerca da imagem o possibilita a assimilar aquela figura à uma outra proveniente de outra obra/linguagem. Por fim, ressalto que o que se quer com o presente estudo acerca das imagens na geomorfologia é produzir aberturas para a criação de outros modos de ver as rochas em aliança com a linguagem no seu sentido criadora. A utilização das imagens que ultrapassam o sentido de representação e ilustração permite que os estudantes possam entrar em relação com o que veem na imagem, a partir de seus conhecimentos prévios a respeito de rochas, compartimentos de relevo, etc.

É importante ressaltar que essa prática não pretende substituir um tipo de uso da imagem por outra, antes atuar como potencializadora de aprendizagens. Para além disso, não busca também substituir o trabalho de campo, mas pode atuar como uma alternativa à impossibilidade de realizá-lo ao desempenhar o conhecimento empírico através do contato sensorial e exposição à paisagem, práticas que são observadas e trabalhadas em campo.

A ideia desse trabalho é mostrar que as imagens podem ensinar por si só, sem a necessidade de serem utilizadas como representação ou ilustração de algo, é mostrar que a imagem em si tem valor forte para a aprendizagem. A experimentação visual vai além do que, como cita Chaves, “não se resume à ação biológica de capturar determinada imagem pelos olhos”, mas também é “uma construção social aprendida e cultivada” (2020, p.11). Dessa forma, compreende-se que é a partir do conhecimento de mundo e da criatividade que o estudante exposto a essas imagens irá trabalhar suas noções geográficas e analisá-las, estudá-las e compreendê-las.

Nesse sentido, este trabalho ainda incompleto, foi um estudo de importante valia para pensar o uso da imagem não apenas como ilustradora no ensino da Geomorfologia, mas como ferramenta disparadora e disseminadora da produção de conhecimento geomorfológico. Antes do contato com esse projeto de pesquisa, com essas referências e com o grupo de estudos, nada disso estava como possibilidade para o ensino de geografia. Tinha como referência apenas as imagens didáticas e seu poder de ilustrar conteúdos. Talvez, essa tenha sido a intenção da presente pesquisa: dar força ao trabalho pela ampliação de novos horizontes sensoriais, ultrapassando os limites do texto explicativo, bem como da imagem como ilustração. E a aposta desse trabalho, pensando em sua continuidade seria de criar uma estratégia para o ensino da Geomorfologia começando seu estudo pelo detalhe que as imagens no decorrer desse trabalho apresentam. O começo do próximo passo dos estudos seria a criação de uma oficina com os dois conjuntos de imagens sendo utilizadas como disparadoras da aprendizagem. Desse movimento partiríamos para a elaboração de um caminho de estudos iniciado por elas, uma vez que as imagens, por si, educam.

4. Referências bibliográficas

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M.; GIRARDI, Gisele. Diferentes linguagens no ensino de Geografia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 11., 2011. Goiânia. **Anais do XI Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia.** Goiânia, 2011, p. 1-9.

SILVA, Jean Pierre P. **Vida de pedra: materiais e técnicas na Chapada Diamantina - Bahia**. 2019. 216 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

NUNES CHAVES, Ana P. **Ensinar geografia é ensinar a ver? Notas de um exercício com imagens em livros didáticos**. Educação Unisinos, v. 24 (2020), 20 dez. 2020.